

A Fábrica de Cerâmica das Devesas – percurso biográfico dos seus principais artistas

Ana Margarida PORTELA¹

Tivemos já ocasião de demonstrar, com a nossa dissertação de Mestrado, a excepcional importância histórica e artística da Fábrica de Cerâmica das Devesas, em Portugal e não só. Contamos aprofundar bem mais esta questão com a dissertação de Doutoramento em curso. Neste trabalho, focaremos somente o percurso biográfico inicial dos três homens que mais contribuíram para este empreendimento artístico e industrial, assinalando com especial destaque as questões da mobilidade².

António Almeida da Costa

A principal figura da Fábrica de Cerâmica das Devesas, o seu mentor e impulsionador foi António Almeida da Costa.

António Almeida da Costa era filho de José da Costa e de Maria do Carmo [fig. 1]. Foi baptizado a 17 de Dezembro de 1832. António teve, pelo menos, mais cinco irmãos: Francisco, Vicente, Maria, José e Joaquim, todos naturais de S. Domingos de Rana, sendo que três deles – Francisco, José e Joaquim – viriam a ser canteiros, tal como António Almeida da Costa. Aliás, o pai de todos eles – José da Costa – era também canteiro e ingressou na obra do Palácio da Ajuda em 1821 como oficial de canteiro. Um tio paterno de António Almeida da Costa – Manuel da Costa – também participou na mesma obra: primeiro como aprendiz de canteiro e, mais tarde, como oficial de canteiro, nos anos de 1804, 1813 e 1816.

Assim sendo, António Almeida da Costa era filho, sobrinho e afilhado de canteiros. Num concelho como o de Cascais, polvilhado de boas pedreiras activas e perto do grande mercado de construção da capital, natural seria que ali existissem bastantes canteiros. Aliás, S. Domingos de Rana foi o berço de vários outros canteiros oitocentistas, nomeadamente

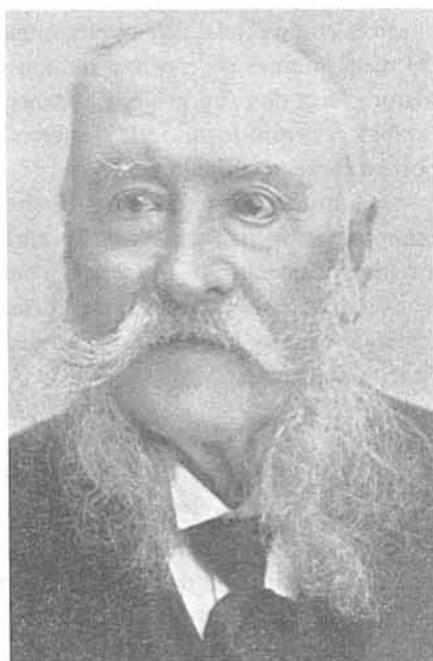


Fig. 1. António Almeida da Costa

¹ Investigadora e Bolsista da FCT.

² Este texto tem como base o nosso trabalho DOMINGUES, Ana Margarida Portela – *António Almeida da Costa e a Fábrica de Cerâmica das Devesas. Antecedentes, fundação e maturação de um complexo de artes industriais (1858-1888)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte em Portugal orientada pela Prof. Doutora Lúcia Rosas e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2003 (2 vols. policopiados).

das duas maiores e mais importantes famílias de canteiros oitocentistas da região de Lisboa: os Sales e os Moreira Rato.

Para a época anterior à vinda de António Almeida da Costa para o Porto, a sua biografia é ainda obscura. Contudo, pelo que conhecemos da sua obra posterior e pelos dados acima referidos, terá certamente adquirido a sua formação inicial de canteiro na região de Lisboa. Aliás, e como assinala um boletim industrial de 1913, António Almeida da Costa era oriundo de Cascais e aí viveu “*como modesto canteiro até ao ano de 1851, ano em que veio trabalhar para esta cidade [Porto] na oficina do (...) Amatoussi [Emídio Amatucci]*”.

Não sabemos se António Almeida da Costa teria vindo da região de Cascais intencionalmente para a oficina de Emídio Carlos Amatucci. É possível que António Almeida da Costa, ao chegar ao Porto, já trouxesse referências à oficina Amatucci, tendo em conta que, na época, o meio das oficinas de mármore era relativamente pequeno. Aliás, Emídio Amatucci tinha relações comerciais com a região de Lisboa, onde adquiria o mármore para as suas obras. Por outro lado, Emídio Amatucci poderá ter sido colega do pai de António Almeida da Costa na obra do Palácio da Ajuda, pois foi aí que fez o seu tirocínio em escultura.

Parece-nos certo que António Almeida da Costa veio mesmo para o Porto no início da década de 1850. Tal significa que veio para o Porto com cerca de 19 anos, podendo ter vindo já como oficial de canteiro e não como um mero aprendiz. Em Lisboa existiam muitas mais oficinas de cantaria de mármore, dada a maior procura nessa área. Face a esta maior oferta de canteiros em Lisboa, António Almeida da Costa poderá ter optado por se estabelecer num local onde o mercado dos mármore estava em crescimento, mas ainda por explorar devidamente.

Se António Almeida da Costa chegou da região de Lisboa já formado como canteiro, estamos certos que veio ainda aprender bastante com Emídio Amatucci, dada a qualidade artística deste último. Entretanto, em Outubro de 1854, naquele que foi o primeiro ano lectivo da Escola Industrial do Porto, António Almeida da Costa matriculou-se em geometria e ornato. Foi o único canteiro, nesse ano, a fazer exame e a obter aprovação na cadeira de ornato³.

Em 1855, António Almeida da Costa era o primeiro canteiro do Porto com uma formação escolar em ornato e modelação concluída. O promissor canteiro casou pouco tempo depois, em 27 de Setembro de 1855, tendo então 23 anos. A jovem esposa era Emília de Jesus Maria, nascida em 4 de Fevereiro de 1837. Natural da paróquia portuense de Santo Ildefonso, era filha de Silvestre de Macedo e de Maria de Lima.

António Almeida da Costa terá permanecido na oficina de Emídio Amatucci cerca de seis ou sete anos. Emídio Amatucci foi até uma das testemunhas do seu casamento, em 1855. Porém, já casado e com uma formação escolar aplicada concluída, não demorou muito tempo até que António Almeida da Costa se desvinculasse de Emídio Amatucci, para abrir a sua própria oficina, uma vez que o mercado dos mármore estava em franco crescimento no Porto.

Nos inícios do século XX, Luís Ferreira Girão afirmava: “*em 1857 estabeleceu o futuro grande industrial [António Almeida da Costa] modesta e pequena oficina, na Rua do*

³ A maior parte dos alunos que frequentava a Escola Industrial do Porto não podia ser assídua às aulas e não chegava sequer a ir a exame. Muitos alunos matriculavam-se anos seguidos na mesma cadeira sem nunca a concluírem. Para ter concluído a cadeira de ornato com aprovação logo nesse ano, António Almeida da Costa ou teria talento para a área ou então teve de se esforçar bastante, pois não era fácil estudar de noite e trabalhar de dia com horários de laboração bem mais alargados do que hoje.

Laranjal, em pouco tempo tornando-se sobremodo conhecido por sua inteligência e gênio empreendedor e trabalhador”. Luís Ferreira Girão acrescentava que a mesma oficina de cantaria rapidamente aumentou “*tornando-se notáveis alguns dos trabalhos executados, tais como o monumento de D. Pedro V na Praça da Batalha*”, no Porto. Contudo, antes deste monumento, a oficina de António Almeida da Costa executou alguns trabalhos também célebres, incluindo mesmo peças de escultura. Por outro lado, é possível que a oficina não tenha sido aberta em 1857, mas apenas em 1858. De facto, no início de Novembro de 1858, António Almeida da Costa anunciava num jornal que acabava de se estabelecer na Rua do Laranjal, n.º 68, onde se prontificava a fazer todo o tipo de obras em mármore e granito com a maior presteza e esmero por preços cómodos e razoáveis.

Na primeira fase da sua vida oficial, António Almeida da Costa terá realizado sobretudo obras de monumentos sepulcrais. É possível atribuir aos primeiros três ou quatro anos da sua oficina mausoléus no Cemitério da Lapa (Porto), no Cemitério do Prado do Repouso (Porto), no Cemitério de Chaves, no Cemitério de Valongo (região do Porto) e no Cemitério de Ovar (região de Aveiro)⁴. No entanto, podemos afirmar, desde já, que algumas obras foram encomendadas por eminentes figuras da sociedade ou por prestigiadas instituições do Porto, as quais lançaram António Almeida da Costa como mais um dos protagonistas da cena artística portuense. Exemplos disso são a encomenda, por parte da Santa Casa da Misericórdia do Porto em 1860-1862, de quatro bustos de importantes benfeitores e a capela do Visconde de Pereira Machado, no Cemitério da Lapa, executada em 1861.

António Almeida da Costa faleceu a 7 de Novembro de 1915, tendo sido sepultado no Cemitério de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia.

José Joaquim Teixeira Lopes

José Joaquim Teixeira Lopes nasceu a 24 de Fevereiro de 1837, em São Mamede de Ribas das Neves (Trás-os-Montes), sendo filho de António Teixeira Lopes e de Ana Águeda Cardoso [fig. 2]. Veio a falecer a 16 de Março de 1918, sendo sepultado no cemitério da sua terra natal.

Segundo um periódico do início do século XX e alguns autores contemporâneos, José Joaquim Teixeira Lopes teve um modesto início de vida embora desde cedo se tenha revelado um artista. Em 1850, com apenas 13 anos, terá vindo para o Porto, para o ateliê de Manuel da Fonseca Pinto, professor de escultura.

Embora o ano exacto da vinda de José Joaquim Teixeira Lopes para o Porto careça ainda de uma comprovação documental, parece que António Almeida da Costa e José Joaquim Teixeira Lopes

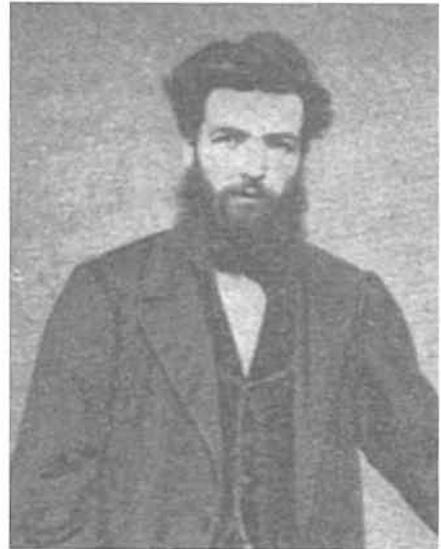


Fig. 2. José Joaquim Teixeira Lopes

⁴ Sobre estas obras, veja-se QUEIROZ, José Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal. Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2002 (2 vols. em 3 tomos policopiados).

chegaram ao Porto sensivelmente na mesma época e obtiveram parte da sua formação artística com os escultores portuenses mais conceituados nos inícios da década de 1850: Emídio Amatucci e Manuel da Fonseca Pinto.

Em 1853, Manuel da Fonseca Pinto transfere a sua oficina para Vila Nova de Gaia e José Joaquim Teixeira Lopes terá seguido o mestre. Ao que se julga, a mudança de Manuel da Fonseca Pinto para Gaia prendia-se com a sua actividade como executante de figuras de proa para navios, no que José Joaquim Teixeira Lopes terá colaborado. Assim, José Joaquim Teixeira Lopes vai praticando modelação de figuras, quer em barro, quer em madeira.

José Joaquim Teixeira Lopes terá casado com Raquel Pereira Meireles, sua prima, no ano de 1857. Nascida a 28 de Abril de 1841, era filha de António Pereira Júnior, de S. Mamede de Riba Tua e de Maria da Conceição Meireles.

Em 20 de Janeiro de 1857, José Joaquim Teixeira Lopes matriculou-se em desenho linear na Escola Industrial do Porto, sendo então dado como escultor. Ficou aprovado nesse ano.

José Joaquim Teixeira Lopes frequentou também a Academia Portuense de Belas Artes, tendo tido aulas de desenho com João António Correia. Foi ainda aluno de Francisco José Resende, que viu nele um dos seus mais distintos alunos.

Em 1861, José Joaquim Teixeira Lopes participou com um busto em gesso na primeira verdadeira exposição industrial realizada no Porto, pelo qual obteve uma medalha de cobre. Terá sido esta a primeira vez que o jovem José Joaquim Teixeira Lopes obteve reconhecimento público pelo seu trabalho. Refira-se que entre os expositores contava-se também António Almeida da Costa, o qual participou com um busto em gesso. Em outro trabalho adiantamos que este busto em gesso apresentado por António Almeida da Costa seria talvez o modelo de algum dos que executou em mármore para o Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Contudo, confrontando os relatos da imprensa com o catálogo oficial percebe-se que são um mesmo busto, exposto como sendo de António Almeida da Costa, mas efectivamente executado por José Joaquim Teixeira Lopes.

Durante o ano em que frequentou a Escola Imperial de Paris, 1864-1865, José Joaquim Teixeira Lopes modelou uma das estátuas que veio posteriormente a integrar a produção cerâmica da Fábrica das Devesas: a "União faz a força". Fê-lo sob a direcção do seu mestre François Jouffroy, tendo sido a mesma alvo de boas críticas aquando da Exposição de 1865, no Palácio de Cristal.

José Joaquim Teixeira Lopes apresentou igualmente obras na exposição trienal de 1866 da Academia Portuense de Belas Artes, entre elas: a "Amizade", a "Bondade", a "Indústria", o "Comércio", a "União faz a força", o "Rio Douro", "Cristo"



Fig. 3. Estátua de Passos Manuel, em Matosinhos (1864)

e o “Pai Cabinda”. Em 1869, Teixeira Lopes participa novamente na exposição trienal da mesma Academia, desta vez com a escultura “Filho pródigo”, pela qual recebeu o primeiro prémio. Os modelos destas estátuas vieram a fazer parte da produção da Fábrica das Devesas.

Assim, pode-se concluir que muito poucos anos após a abertura da oficina de mármore, António Almeida da Costa passou a ter como seu colaborador aquele que veio a ser um dos melhores modeladores oitocentistas em Portugal. José Joaquim Teixeira Lopes viria a ser fundamental para alguns projectos emblemáticos executados por António Almeida da Costa, como o monumento a Passos Manuel, em Matosinhos [fig. 3], e o monumento a D. Pedro V, na Praça da Batalha (Porto).

Feliciano Rodrigues da Rocha⁵

Feliciano Rodrigues da Rocha era canteiro. Nasceu em 28 de Outubro de 1841, no lugar de Caparide e faleceu em Outubro de 1930, com 89 anos⁶ [fig. 4]. Graças ao precioso contributo da sua neta D. Emília Braga, podemos hoje afirmar que Feliciano Rodrigues da Rocha era natural da freguesia de S. Domingos de Rana e, por isso mesmo, conterrâneo de António Almeida da Costa, embora mais novo do que este. Era um dos sete filhos de Agostinho da Rocha e de Luísa Teresa⁷.

A primeira mulher de Feliciano era Antónia Maria de Oliveira, falecida em 27 de Setembro de 1887. Tiveram nove filhos. Do seu segundo casamento, com Emília Sobral, falecida em 18 de Maio de 1918, houve 4 filhos⁸.

Possivelmente, Feliciano Rodrigues da Rocha veio para o Porto para trabalhar na nova oficina de António Almeida da Costa. Pode ter sido o próprio a recrutar canteiros na sua terra. É uma hipótese que necessita de ulterior confirmação. Segundo a sua neta D. Emília Braga, Feliciano Rodrigues da Rocha terá vindo para o Porto para continuar os seus estudos na área artística. Quando veio era ainda muito novo e trabalhava, de facto, numa oficina, estudando de noite. De qualquer modo, Feliciano Rodrigues da Rocha assina quase todos os recibos que encontramos da oficina de António Almeida da Costa, desde finais da década de 1860. Em suma, Feliciano Rodrigues da Rocha era já colaborador de António Almeida da Costa pelo menos desde 1868. Feliciano Rodrigues da Rocha nunca teve uma oficina só sua e, sendo canteiro, acabou por ficar sempre na sombra de António Almeida da Costa, que era mais empreendedor e versátil. Por esta razão, está ainda hoje por determinar até que ponto várias obras atribuídas a António Almeida da Costa e/ou a José



Fig. 4. Feliciano Rodrigues da Rocha

⁵ Grande parte dos dados que aqui incluímos devem-se ao testemunho da neta de Feliciano Rodrigues da Rocha, D. Emília Braga, a quem agradecemos.

⁶ A data de falecimento veio do seu epitáfio, no jazigo n.º 254/14 do Cemitério de Agramonte.

⁷ Segundo um documento manuscrito de Feliciano Rodrigues da Rocha, datado de Janeiro de 1928, na posse de sua neta D. Emília Braga.

⁸ Segundo um documento manuscrito de Feliciano Rodrigues da Rocha, datado de Janeiro de 1928, na posse de sua neta D. Emília Braga.



Fig. 5. Detalhe do pedestal do monumento a D. Pedro V, no Porto (1863-1864)

Joaquim Teixeira Lopes, da Fábrica de Cerâmica das Devesas ou fora dela, não serão da autoria de Feliciano Rodrigues da Rocha. Sabemos que uma das primeiras obras, no Porto, em que Feliciano Rodrigues da Rocha participou foi no monumento a D. Pedro V, na Praça da Batalha [fig. 5].

Os Rodrigues da Rocha e os Teixeira Lopes estavam igualmente unidos por laços familiares, nomeadamente pelo casamento entre dois filhos de Feliciano com duas filhas de José Joaquim.

Pelo menos três dos seus filhos vieram a fundar importantes fábricas de cerâmica: em Oliveira do Bairro (futuro Museu da Olaria e do Grés) e em Ermesinde (actual fórum cultural).

A fundação da Fábrica de Cerâmica das Devesas

Ainda hoje existem dúvidas quanto à forma como foi fundada esta fábrica de cerâmica [fig. 6]. Entre Junho de 1864 e Maio de 1866, António Almeida da Costa teve um negócio paralelo à sua oficina com João Bernardo de Almeida, de modo a produzirem e venderem cal. Estavam já instalados em parte do que viria a ser o quarteirão norte da Fábrica de Cerâmica das Devesas.

Em 1866, António Almeida da Costa transforma a sua pequena fábrica de cal numa fábrica de cerâmica, sob a firma Costa & Breda. A ideia era produzir e comercializar materiais de construção, nomeadamente telha. Porém, logo em 1867 foi formada outra sociedade – a Costa, Breda & Teixeira Lopes – especificamente destinada à produção de cerâmica artística nas mesmas instalações das Devesas, contando com o talento e os vários modelos já feitos pelo colaborador de António Almeida da Costa, José Joaquim Teixeira Lopes.



Fig. 6. Fábrica de Cerâmica das Devesas no início do século XX



Fig. 7.
Modelos de estátuas
num dos catálogos
da Fábrica das Devesas

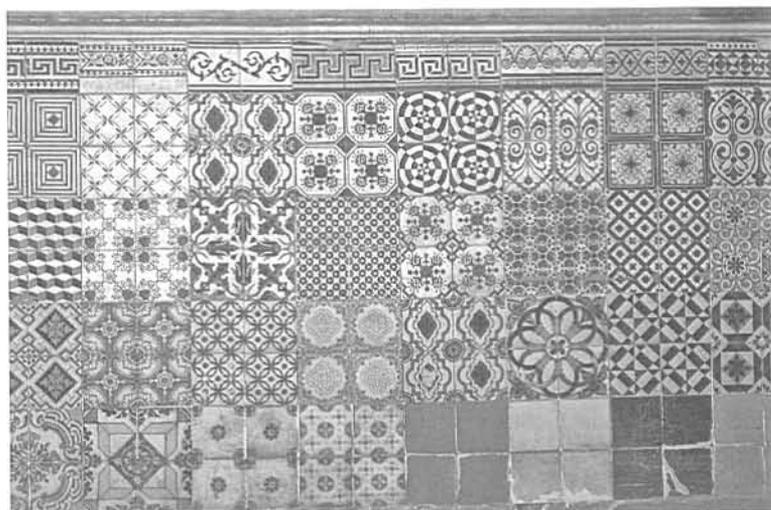
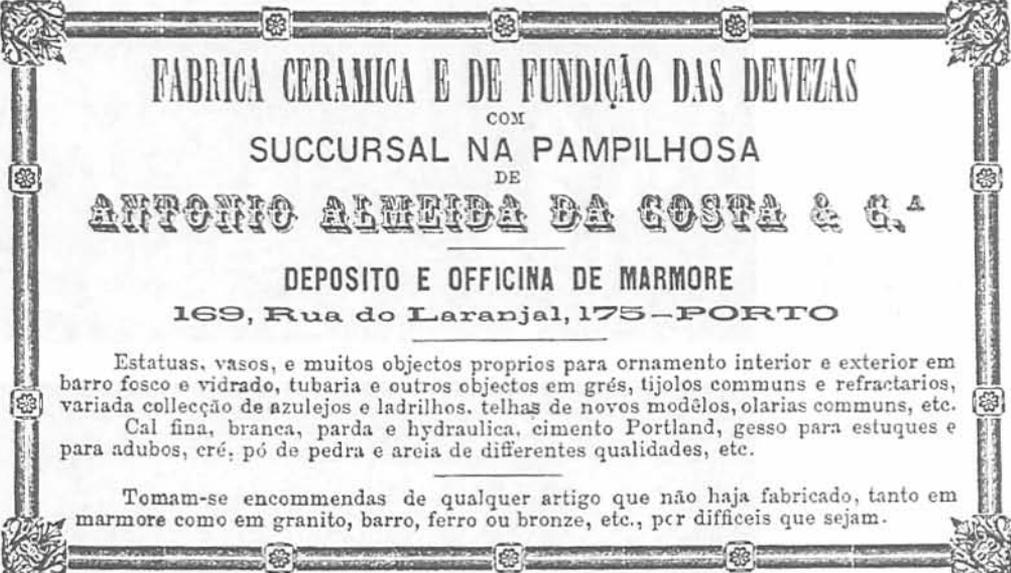


Fig. 8.
Mostruário de azulejos
da Fábrica de Cerâmica
das Devesas

Entretanto, em 1870, António Almeida da Costa, Bernardo José da Costa Soares Breda e José Joaquim Teixeira Lopes desfazem a sociedade de cerâmica artística, mantendo-se no entanto a emergente fábrica em laboração, sob a direcção empresarial de António Almeida da Costa. Terá sido por esta altura que António Almeida da Costa reuniu numa só sociedade a oficina de mármore do Porto e a Fábrica de Cerâmica das Devesas, com a firma António Almeida da Costa & C.a, sendo sócios António Almeida da Costa e José Joaquim Teixeira Lopes. Em 1874, Feliciano Rodrigues da Rocha passa a ser também referido como sócio, embora suponhamos que estivesse sobretudo ligado à oficina de cantarias do Porto. José Joaquim Teixeira Lopes estaria ligado especialmente à Fábrica de Cerâmica das Devesas, onde fazia modelação – modelação essa que facilmente poderia ser passada à pedra na oficina do Porto [fig. 7]. António Almeida da Costa dividia-se entre os dois estabelecimentos, talvez privilegiando a oficina de mármore, até porque residia junto à oficina. Porém, vários anos mais tarde acabou por se mudar para junto da Fábrica de Cerâmica das Devesas, mantendo-se somente Feliciano Rodrigues da Rocha no Porto.

Note-se que, em 1868, um tal Francisco Rodrigues da Rocha, filho de Agostinho da Rocha, natural da região de Lisboa, canteiro de 18 anos, matriculou-se na Escola Industrial do Porto. Residia então na Rua do Laranjal, onde António Almeida da Costa tinha a sua oficina de mármore. Francisco Rodrigues da Rocha era certamente um canteiro desta ofi-



FABRICA CERAMICA E DE FUNDIÇÃO DAS DEVEZAS
COM
SUCCESSAL NA PAMPILHOSA
DE
ANTONIO ALMEIDA DA COSTA & C.^A

DEPOSITO E OFFICINA DE MARMORE
169, Rua do Laranjal, 175 - PORTO

Estatuas, vasos, e muitos objectos proprios para ornamento interior e exterior em barro fosco e vidrado, tubaria e outros objectos em grés, tijolos communs e refractarios, variada colleção de azulejos e ladrilhos. telhas de novos modêlos, olarias communs, etc.
Cal fina, branca, parda e hydraulica, cimento Portland, gesso para estuques e para adubos, cré, pó de pedra e areia de diferentes qualidades, etc.

Tomam-se encommendas de qualquer artigo que não haja fabricado, tanto em marmore como em granito, barro, ferro ou bronze, etc., pcr difficeis que sejam.

Fig. 9. Anúncio de finais do século XIX da Fábrica de Cerâmica das Devesas

cina e parente de Feliciano Rodrigues da Rocha. Dada a idade de Francisco Rodrigues da Rocha, supomos que fosse irmão mais novo de Feliciano⁹.

Acrescente-se que três irmãos de António Almeida da Costa viriam a trabalhar também na sua oficina do Porto, dois dos quais acabaram depois por montar a sua própria oficina: José Almeida da Costa e Joaquim Almeida da Costa. Talvez por esta razão António Almeida da Costa agregou a si como sócio Feliciano Rodrigues da Rocha e não um dos seus irmãos. António Almeida da Costa teve também sobrinhos canteiros, dois dos quais tiveram oficina no Brasil.

Conclusão

Na segunda metade do século XIX, três artistas humildes, com origens culturais e geográficas diversas, acabaram por constituir no Porto a maior e mais marcante concentração industrial de produção artística em Portugal. De um conjunto inicial de oficinas no Porto e em Gaia, em 1877 existia já uma rede de depósitos comerciais em Lisboa, em Braga, em Viana do Castelo, em Guimarães, na Régua, em Lamego e no Rio de Janeiro. Poucos anos depois, em 1886, a Fábrica de Cerâmica das Devesas abriu sucursal na Pampilhosa do Botão [fig. 8]. Paralelamente, as oficinas cerâmicas nas Devesas ampliavam-se de tal maneira que facilmente a fábrica se tornou a maior do país no género [fig. 9]. Esta fábrica, que foi uma verdadeira escola de artistas cerâmicos, modeladores e escultores, marcou indelevelmente a imagem da arquitectura portuguesa de finais do século XIX, tendo estendido a sua influência artística a todo o país, a Espanha, às antigas colónias e ao Brasil. Apesar de tudo, esta influência não se encontra ainda bem aferida fora de Portugal continental. Há ainda muito para estudar e sobretudo, para salvar e valorizar na própria Fábrica de Cerâmica das Devesas, que há mais de vinte anos agoniza com um fabuloso espólio, entalada entre interesses mesquinhos e um processo de classificação interminável e conturbado.

⁹ Embora D. Emília Braga não tenha podido confirmar este dado.